



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 25 DE MARÇO, DE 2024 - 21H00



### “A Costa dos Murmúrios”, de Margarida Cardoso

Realização: Margarida Cardoso; Argumento: Cedric Basso, Margarida Cardoso, segundo romance de Lídia Jorge; Música: Bernardo Sasseti; Fotografia (cor): Lisa Hagstrand; Montagem: Pedro Marques; Design de produção: Augusto Mayer; Direcção artística: Ana Vaz; Guarda-roupa: Silvia Meireles; Maquilhagem: Sano De Perpessac; Direcção de produção : João Montalverne; Assistentes de realização: João Fonseca, Nuno Godinho; Som: Carlos Alberto Lopes, Branko Neskov; Produção: Filmes do Tejo / Maria João Mayer, João Ribeiro.

Intérpretes: Beatriz Batarda (Evita), Filipe Duarte (Luís), Monica Calle (Helena), Adriano Luz (Jaime Forza Leal), Luís Sarmiento (Jornalista), Sandra Faleiro (Mulher de Góis), Custódia Galego (Senhora 1), Carla Bolito (Senhora 2), José Airosa, Dinarte Branco, João Lagarto, Fernando Luís, Nuria Mencía, Carlos Pimenta, Ângelo Torres (Recepcionista Hotel), Marcello Urgeghe, etc.

Duração: 115 minutos; Distribuição em Portugal: Filmes do Tejo/ Atalanta Filmes; Classificação etária: M/ 12 anos.

Estreia: Alvaláxia, Fonte Nova, Monumental-Saldanha

(Lisboa), Freeport (Alcochete), Estúdio Oita (Aveiro), Cidade do Porto (Porto) a 25 de novembro de 2004

Abro “A Costa dos Murmúrios”, romance de Lídia Jorge. A lombada do volume que tenho entre as mãos está bem dobrada, as páginas lidas e relidas, a dedicatória amiga, datada de 18 de Fevereiro de 1988. Relembro o prazer de então ao ler esta obra de um fôlego só. Há livros que são assim, abrem-se, agarram-nos e levam-nos consigo colados sabe-se lá até onde. Até onde a magia do escritor estender a passadeira. “A Costa dos Murmúrios” foi tal e qual, teve esse efeito imediato em mim, de tal forma que dias depois, dois, três, não mais, estava eu a telefonar à Lídia Jorge a dar notícia do meu entusiasmo, mas ia mais longe: pedia-lhe autorização para começar a pensar numa adaptação ao cinema. Eu queria adaptar “A Costa dos Murmúrios” a filme, e a Lídia, com aquela doçura habitual, aceitava “reservar-me” desde logo a sua obra para eu a re-inventar em imagens.

Mas do que se deseja ao que realmente se faz vai uma eternidade, mais do que isso vai o que Deus dispõe quando o homem põe, e a verdade é que, por uma razão e por outra (nomeadamente pela minha

colaboração com a TVI, entre 1991 e 1997, que me impossibilitou outras iniciativas, particularmente de realização cinematográfica, ainda para mais a executar longe de Lisboa), o projecto foi-se alongando no tempo, até que um dia recebo um telefonema da Lídia perguntando se ainda queria manter os “direitos” em meu poder e se ainda pretendia realizar o filme, ou se cederia “a sua palavra” para a Margarida Cardoso adaptar o romance. Por várias razões também não hesitei na resposta, muito embora intimamente não possa afirmar que não tenha sofrido um pouco ao dizer o que disse.



Mas do que se deseja ao que realmente se faz vai uma eternidade, mais do que isso vai o que Deus dispõe quando o homem põe, e a verdade é que, por uma razão e por outra (nomeadamente pela minha colaboração com a TVI, entre 1991 e 1997, que me impossibilitou outras iniciativas, particularmente de realização cinematográfica, ainda para mais a executar longe de Lisboa), o projecto foi-se alongando no tempo, até que um dia recebo um telefonema da Lídia perguntando se ainda queria manter os “direitos” em meu poder e se ainda pretendia realizar o filme, ou se cederia “a sua palavra” para a Margarida Cardoso adaptar o romance. Por várias razões também não hesitei na resposta, muito embora intimamente não possa afirmar que não tenha sofrido um pouco ao dizer o que disse.

Apesar de ter por “A Costa dos Murmúrios” uma afeição profunda, muito embora grande parte do meu “filme” o tivesse já na cabeça, e outra parte esboçada em planificação, disponibilizei-me desde logo a abdicar desse trunfo e cedê-lo à Margarida Cardoso que admiti de imediato poder fazer uma excelente adaptação, tanto mais que ela tinha conhecimento prévio do cenário geográfico e da situação histórica: filha de militar, vivera a infância em Moçambique durante o final dos anos 60 e a última fase do colonialismo português e da guerra ali sustentada. A minha reacção, aliás, nem poderia ter sido outra, dadas as minhas ligações de profunda amizade e admiração tanto com a Lídia Jorge, como com a Margarida Cardoso (com esta última, acrescida ainda do facto de ter trabalhado com ela em vários filmes meus).

O resultado da adaptação é excelente e devo dizer, desde já, que considero “A Costa dos Murmúrios”, de Margarida Cardoso, um dos grandes filmes portugueses das últimas décadas, e uma das nossas mais profundas e maduras reflexões sobre a Guerra Colonial expressa em imagens. A filmografia portuguesa não é abundante quanto a títulos que recuperem tempos e imagens da Guerra Colonial, e sobretudo é extremamente exígua no que diz respeito a obras rodadas nas antigas colónias. “A Costa dos Murmúrios” tem a particularidade de conciliar uma visão da “frente” (é rodado parcialmente em Moçambique, e remete para a época da “Operação Nó Górdio”), com um olhar da “retaguarda” (são as mulheres dos militares que ocupam o centro da obra).

Evita, Helena, Luís e Jaime

Evita é a protagonista. Vai até África para casar com Luís, um oficial do Exército Português, destacado em Moçambique para defender o Império. Evita e Luís tiveram um namoro em Lisboa que prenunciava uma vida a dois de um certo tipo, com uma orientação determinada, e foi com essas expectativas que Evita desce do avião em Lourenço Marques. Mas o Luís que encontra já não é o mesmo com quem falava nas esplanadas do Campo Grande, o mesmo que descobria fórmulas matemáticas, o mesmo que colocava dúvidas quanto à posição de Portugal sobre as suas colónias. O Luís que re-encontra é outro, um homem dominado pela

experiência traumática que atravessa e pela imagem do “seu” capitão, absorvido pelos ideais coloniais, um apreciador de certos “prazeres novos” e surpreendentes para Evita, como “fazer o gosto ao dedo”, matando flamingos nas praias moçambicanas (“Repara como eles nem dão por isso, como se estão nas tintas uns para os outros”), ou, supremo prazer de macho, “atirar no cu das galinhas”.

Para Luís as dúvidas entre “o ser e o parecer” desapareceram, “agora é a sério”, “não é mais um cafezinho no Campo Grande”. Evita, pelo contrário, continua a pensar pela sua cabeça, o que leva o capitão a não a olhar com bons olhos. Ele que já domesticou a mulher, espera domesticar Evita facilmente, mas a tarefa revela-se mais difícil do que supusera no início. “Uma solução política? Entregar esta terra aos nossos inimigos”, pergunta. Ao que Evita responde segura de si e sem vacilar: “se o inimigo for realmente o dono da terra, sim!”

As dúvidas “entre o ser e o parecer” só aparentemente se esfumaram. Elas continuam presentes, ainda que cada vez menos dúvidas, cada vez mais certezas. Helena (“Helena de Tróia”, como lhe chamam), que em grego quer dizer “a origem do conflito”, como recorda Evita, afinal não está “domesticada”, apenas “adormecida” na aparência. Quando o marido parte para a frente da grande batalha, para o Norte, “rumo à glória e a vitória final”, não deixa de fazer estimativas diárias em relação às previsões das estatísticas de baixas portuguesas (“calculam-se cem mortos, dos quais quatro oficiais”). Deliberadamente vive fechada em casa, renuncia a sair à rua, provocando a si própria uma clausura estranha, como aquela que o marido solicitara anteriormente por várias vezes, mas que desta feita pratica sem que nada lhe tenha sido exigido. Uma clausura que é uma oferenda aos deuses. Para que a sobrevivência do marido esteja assegurada? Não. Para que ele não regresse, não volte vivo. Para poder readquirir a sua liberdade. Para finalmente se libertar da mancha que marca a sua consciência, o assassinato do amante que o marido surpreendera e que fora descoberto, dias depois, numa praia das redondezas, com um tiro na cabeça, em resultado de uma roleta russa jogada sob ameaça em nome da dignidade ofendida.

Para testar a dedicação da mulher, o alferes Luís também irá perguntar a Evita se ela “era capaz de ficar aqui fechada até ele voltar”, mas a resposta é “não”. Ela não aceita anular-se perante o que considera errado, injusto, absurdo.

O filme começa com imagens de arquivo de um Moçambique português em estado de guerra: a descida de um avião da TAP que regressa de Lisboa, despejando na pista de aterragem militares e civis, enquanto se ouve a voz de Simone de Oliveira cantando um “hit” dessa época, “Sol de Inverno”, onde imperam “Sonhos que Sonhei”. Depois acompanhamos um “travelling” no interior de um autocarro, ao longo das ruas da cidade, com o rosto de Evita em primeiro plano. É o olhar de Evita que nos irá conduzir ao longo do filme, um olhar que já fora igualmente em grande parte o olhar de Lídia Jorge e agora se transmuda no olhar de Margarida Cardoso. Sonhos que todas viveram, cada uma à sua maneira. Sonhos de amor, sonhos de África, sonhos de um império em desagregação. Sonhos... O que vai do “ser ao parecer”. O que vai da realidade (vá se lá saber qual!) à sua aparência. Os cortinados que descobrem/encobrem rostos e emoções, as esquinas dos prédios e as portas e janelas que escondem/revelam olhares e gestos, os enquadramentos que estreitam/aprofundam situações e comportamentos.

O filme de Margarida Cardoso fala do secreto, do íntimo, do que se esconde e do que se revela em segredo, do que se diz e do que se cala, do que se oculta e do que se expõe – da guerra utópica que se mostra e da guerra real que se censura, da notícia críptica que sai e da outra reveladora que não se pode dar à estampa, dos sentimentos que se sentem e se calam, das emoções que se ostentam e mentem, da verdade que é mentira, da mentira que é verdade. Tudo por detrás dos cortinados, como num coro grego, esse murmurar de mulheres que tecem na sombra, Penélopes modernas de novas guerras de Tróia, segredando meias verdades e meias mentiras, bordando a passagem do tempo que lentamente se escoia enquanto se vão multiplicando lá fora, longe da paz adormecida do Hotel Stella Maris, os cadáveres envenenados de negros



que bebem álcool etílico envasilhado em garrafas de champanhe. “As autoridades estão apreensivas, mas optimistas, ainda há tempo para recuperar os corpos e iniciar a regata.” (...)

#### Do livro ao filme

As qualidades da obra literária estão há muito definidas. As da adaptação parecem-me óbvias. É verdade que o filme é bastante diferente do livro na sua estrutura, há rupturas, descontinuidades, elipses. Mas no essencial o filme traz-nos algo do essencial do livro. É “uma leitura” possível, legítima. O que há de “India Song” no romance de Lídia Jorge, há de “India Song” no filme de Margarida Cardoso. Mantendo-se fiel ao tom, ao ritmo, ao “tempo”, à ironia da distanciação, à amargura dos olhares, à justeza dos gestos incompletos, a realizadora ganhou a batalha da adaptação impondo uma voz pessoal.

Sobre a adaptação afirmou Lídia Jorge: “O número de imagens que um livro oferece são infinitas, as imagens de um filme são finitas. Da passagem de uma coisa para a outra existe um transvaze inevitável, onde alguma coisa em geral se perde em número e alguma se ganha em intensidade. No caso de “A Costa dos Murmúrios”, apesar de ter tido conhecimento prévio do argumento, e do cenário das filmagens não ser propriamente um mistério, o resultado do filme foi-me bastante surpreendente. As primeiras imagens surgiram e eu compreendi que a história que tinha escrito, sob as mãos da Margarida, e o corpo dos actores, havia-se transformado numa outra realidade, reescrita à luz de uma outra invocação. Mas devo dizer, em abono da verdade, que essas “diferenças” constituem mais revelações do que estranhezas e levaram-me num primeiro momento a visitar o livro com outro olhar, e a rever o filme pela segunda vez, com um sentimento de muito maior proximidade. Entre filme e livro, afinal, não encontro propriamente divergências, encontro deslocação de elementos e diferentes modos de intensidade, para dizer o mesmo - que se trata do desejo de erguer um relato para não deixar sumir na inadvertência alguma coisa grande e dolorosa, pessoal e colectiva, que persiste, a mesma vontade de criar um espaço ficcional onde alguma coisa fora do paradigma acontece, a mesma vontade de que isso suceda sob o impacto de imagens criadas pela alucinação da memória. Esse parece-me ter sido o nosso pacto inicial, e respeitado isso, o resto é pormenor. Ou estética. Porque os modos sempre são diversos.”

E mais adiante: “Sendo “A Costa dos Murmúrios” um livro que “não vai à guerra”, mas não fala de outra coisa senão dela, a imagem da “roleta russa” foi-me indispensável como concentração do combate, síntese da sua arbitrariedade, paráfrase do vício da violência. Entreguei-me a essas duas cenas com a rudeza própria de quem desejou criar um contraponto em abreviado dessa brutalidade como jogo no tempo do intervalo. Concebi esse transe como coisa rude. Mas a Margarida criou as duas cenas retirando-lhes a parte grosseira, criando no lugar dos tiros e dos tamos manchados das cadeiras vermelhas sugestões narradas como nos sonhos. Talvez por isso mesmo o filme atinja aí, nas cenas dos amantes, os seus momentos mais altos. É uma violência que fala da violência sem a mostrar, como raramente acontece no cinema. Uma rara decência de narrar. Isso emociona-me, porque o pacto, feito no início, está inteiramente cumprido. A beleza está no seu lugar.”

**Lídia Jorge, in Expresso, 27 de Novembro de 2004**



Há neste filme imagens deslumbrantes e surpreendentes pela justeza do enquadramento, pelo pudor do olhar, pela delicadeza das cores que instilam um dramatismo suave e discreto/secreto como em tudo o mais nesta obra. A beleza do enquadramento das imagens é uma das primeiras revelações desta obra. Luís a tomar banho, uma bota em primeiro plano, no chão da casa de banho, foi um plano que me ficou na memória, entre dezenas de outros; as mulheres encostadas ao muro do terraço do hotel, imagem de solidão suprema; um rosto de mulher por detrás de um cortinado; o afagar do sexo, a mão que se retira, secreta; uma árvore dobrada pela ventania; um grande plano do rosto de uma mulher; um olhar perdido, interrogando; uma praia, um carro, quatro personagens dispersos em locais diferentes, as armas, os flamingos...

Deve sublinhar-se ainda a justeza da interpretação, toda ela particularmente cuidada, contida, com especial destaque para Beatriz Batarda (Evita) e Monica Calle (Helena), ou não fosse este um filme de olhar e sensibilidade especialmente femininas. Mas Filipe Duarte (Luís), Adriano Luz (Jaime Forza Leal) e Luís Sarmiento (Jornalista) estão igualmente muito bem, defendendo personagens difíceis. Depois, haverá ainda a referir a música de Bernardo Sasseti, notável, na forma como cria uma envolvência perfeita, tal como a fotografia macerada de Lisa Hagstrand. Um belo filme, uma excelente “leitura” pessoal da obra de Lídia Jorge. A minha teria sido diferente. Mas para cada leitor há um romance diferente. Para cada adaptação um filme diverso. O que faz a magia de tudo isto.

**Lauro António (excertos)**  
**In Revista História 03 de Dezembro de 2004**



#### **Filmografia de Margarida Cardoso**

“Sita - A Vida e o Tempo de Sita Valles” (Longa-metragem – 2022), “Understory” (Longa-metragem – 2019), “Yvone Kane” (Longa-metragem – 2014), “Era Preciso Fazer as Coisas” (Curta – 2007), “A Costa dos Murmúrios” (Longa-metragem – 2004), “Kuxa Kanema - O Nascimento do Cinema” (Curta – 2003), “Natal 71” (Curta-metragem – 2001), “Com Quase Nada” (Longa-metragem-2000), “Entre Nós (Curta – 1999), “A Terra Vista das Nuvens - História do Cinema Português 1986-1997” (Curta – 1998), “Dois Dragões” (Curta – 1996)

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 1 DE ABRIL DE 2024**

**“A História Resumida do Cinema Português em 22 Filmes – Volume II” 21H00 (entrada livre)**

**“Coisa Ruim” de Tiago Guedes e Frederico Serra (2012)**